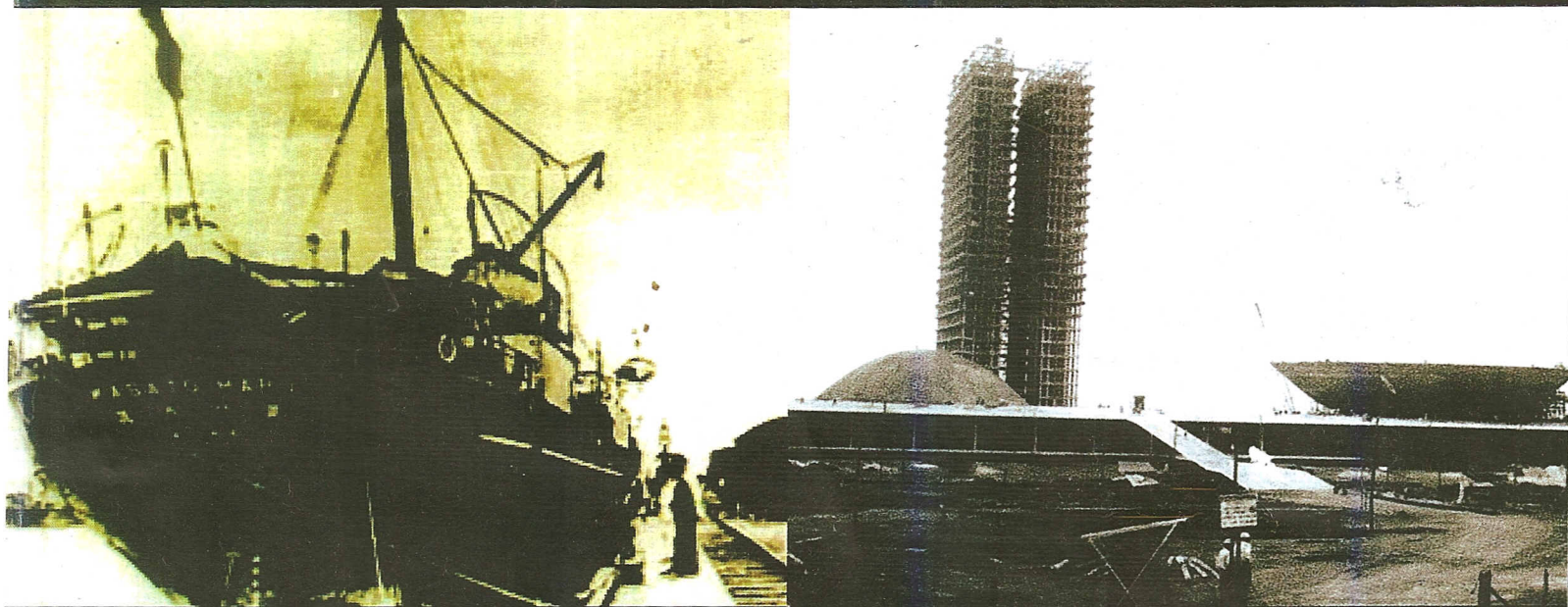


150



FEANBRA
Federação das
Associações
Nipo-brasileiras
do Centro Oeste

Centenário da imigração Japonesa no Brasil
日本人ブラジル移民百周年



Cinquentário da presença Nikkey em Brasília
ブラジリア日系人植五十周年

Diretoria Executiva

Mitsutoshi Akimoto	Presidente
Shigeru Hayashi	1º Vice-presidente
Yukio Yamagata	2º Vice-Presidente
Roberto Shoji Ogasavara	1º Secretário
Kuniyoshi Yasunaga	2º Secretário
Sigueo Oshiro	1º Tesoureiro
Paulo Masaoki Yokoyama	2º Tesoureiro

Conselho Deliberativo

Kiokasu Uema	Presidente
Cid Mamoru Kawashima	Vice-presidente

Conselho Fiscal

Shoji Saiki	Titular
Suely Miyako Uchida Taira	Titular
Hiroshi Uehara	Titular

Diretores das Associações Filiais

Yukio Yamagata	ARCAG-Diretor Presidente
Shoji Saiki	ARCAG-Vice-Presidente
Tatsuo Matsunaga	Bunkyo-Diretor Presidente
Waldemar Hiroshi Umeda	Bunkyo-Vice-Presidente
Paulo M. Yokoyama	Incra-Dir. Presidente
Paulo Uchida	Incra-Vice-Presidente
Waldemar Hiroshi Umeda	Nikkei-DF-Dir. Presidente
Heitor Kanegae	Nikkei-DF-Vice Presidente
Mario Hiroshi Ito	Vargem Bonita-Presidente
Tsuneyoshi Watanabe	Vargem Bonita-Vice-Presidente
Kimiko Sambuichi	AELJB-Presidente
Masae Yada	AELJB-Vice-Presidente

Equipe Editorial

Shigeru Hayashi	Coordenação Geral
Michio Yamaguchi (IM)	
Mitsutoshi Akimoto	Planejamento
Yusuke Togashi	
Toyomi Kobayashi (IM)	
Aiko Tanonaka Ogassawara	Coordenação de materiais
Alice Tamie Joko	
Julio Haruitsi Ikuno	Coordenação de Produção
Kuniyoshi Takaki Yasunaga	Membros
Takayuki Hatano	
Takehiro Yoshida	
Sachio Negawa	
Kimiko Sambuichi	Colaboradores
Masae Yada	
Roberto Mamoru Matuda	
Tereza Kikue Sato	
NEÁSIA - CEAM/UnB	
Carlos Séllos	Revisão em Língua Portuguesa
Simone Séllos	
Kyoko Sekino	Tradução
Alice Tamie Joko	
Mitsutoshi Akimoto	
Yusuke Togashi	
Hérica Montenegro Braz Gomes	Apoio de tradução
Ilze Maeda	
Kimiko Uchigasaki	
Mário Yoshizawa	
Sérgio Shigueru Uema	
Tianna K. Yamamoto Tsuno	

Técnica e Produção

Gislaine Soares	Projeto Gráfico - Onix Brasil
Divanir Junior	Design/Editoração - Onix Brasil
Tiragem	2.000 exemplares
Imagens	Serviço Fotográfico /SECOM/CD
	Arquivo Público do Distrito Federal
	Museu Hist. da Imig. Japonesa no Brasil
	Arquivos pessoas (Biografias)

C397i Centenário da imigração japonesa no Brasil e cinqüentenário da presença nipo-brasileira em Brasília / [Shigeru Hayashi, coordenação geral]. - Brasília : FEANBRA, 2008.

468 p. : il. ; 21 cm.

Texto em português e japonês.
ISBN 978-85-8710-150-8

1. Brasil - Imigrantes japoneses. 2. Japoneses - Brasil. 3. Nipo-brasileiros - Brasília. I. Hayashi, Shigeru. II. Título.

CDU 325(520:817.4)

A religiosidade é um aspecto importante e inegável da história e da dinâmica social dos *nikkeis* no Distrito Federal. Ela tem ajudado a projetar uma imagem positiva e integrada ao cenário e à arquitetura de Brasília, tanto do Japão como dos nipo-brasilienses em particular. Para ficar em poucos exemplos, são cada vez mais populares entre os brasilienses as quermesses anuais do templo budista da *Hompa Honganji*, as sessões de meditação dos vários grupos Zen e as aulas de *ikebana* (arranjo floral) da Igreja Messiânica. Não menos importante é o fato de que religiões de origem nipônica vêm conquistando cada vez mais adeptos brasilienses sem ascendência japonesa.

Em uma instância mais restrita, a religião também tem servido tanto para unir quanto para diferenciar subculturas no seio da comunidade nipo-brasiliense. Assim como há casos de famílias que se mantêm unidas em torno de uma identidade religiosa, também há famílias inteiras que se dividiram e tomaram posições antagônicas com base na opção religiosa.

Nas próximas páginas, farei uma breve descrição e análise dos grupos ético-religiosos de origem japonesa, de que se tem notícia de sua presença no Distrito Federal. Antes, porém, apresento os antecedentes deste trabalho.

Em 1986, Dioclécio Luz publicou o "Roteiro Místico de Brasília", numa linguagem jornalística, com formato de catálogo, em que cita apenas duas religiões japonesas, a Igreja Messiânica e a *Mahikari*. A partir de 1994, as professoras Deis Siqueira e Lourdes Bandeira, ambas do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, desenvolveram uma ampla pesquisa, que, por estar centrada nos grupos místico-esotéricos presentes no Distrito Federal e no Entorno, contempla apenas algumas poucas religiões japonesas como casos ilustrativos de novas opções de espiritualidade (ver, por exemplo, Siqueira e Lima, 2003). Também em 1994, Selmo

1 O termo *nikkei* vem de longa data sendo usado entre os descendentes de japoneses para se auto-identificarem e, com isso, foi absorvido ao vocabulário português do Brasil. Utilizo aqui este e o termo alternativo "nipo-brasiliense", ora em sentido amplo, para abarcar todos os japoneses e descendentes que residem no Distrito Federal, ora em sentido mais restrito, para me referir a todas as pessoas, a partir da segunda geração (*nisei*, *sansei*, *yonse*, etc.), que possuem ascendência bilateral ou unilateral japonesa na região de Brasília. Apesar da conveniência de termos tão abrangentes para os propósitos deste estudo, noto que esta é uma categoria social bastante diversificada no que tange à identidade. Veja, por exemplo, discussão em Lesser (2003).

Instituições Ético-Religiosas Japonesas no Distrito Federal

Ronan Alves Pereira

Norte defendeu uma dissertação de mestrado sobre a "percepção japonesa do fenômeno morte", cujo trabalho de campo fora feito entre os japoneses e seus descendentes do Núcleo Rural de Vargem Bonita, no Distrito Federal. Em 1997, Juliana L. Neves escreveu uma monografia de graduação enfocada no simbolismo das cerimônias e imagens do Budismo da *Hompa Honganji*, com alguma informação sobre sua comunidade em Brasília. Por fim, Regina Y. Matsue também defendeu uma dissertação de mestrado, sobre três grupos budistas em Brasília: Tibetano, *Hompa Honganji* e *Sôka Gakkai*.

Na segunda metade da década de 1990, fiz um mapeamento das religiões japonesas na área metropolitana de Brasília.² Uma vez feito esse mapeamento geral, dediquei minha pesquisa de doutoramento à filial brasiliense do movimento neo-budista *Sôka Gakkai* (Pereira, 2001).

A Diversidade do Universo Pesquisado

As religiões japonesas no Distrito Federal, de certa forma, refletem os dados nacionais.³ Há em torno de sessenta grupos japoneses no país, excluindo os que se identificam puramente como cristãos. Essas instituições religiosas pertencem a uma ou combinam várias tradições ético-religiosas, como Xintoísmo, Budismo, Cristianismo, Confucionismo e outras. Há dez anos, obtive informações da existência de quinze grupos religiosos japoneses de tradições diferentes, que marcavam presença na região metropolitana de Brasília. Esse número não se alterou desde então, visto que não se encontrou notícia

2 O mapeamento contou, em momentos diferentes, com a colaboração de minhas alunas Ariane M. Ciegliński, Maria Camilla S. de Aguiar e Naiara Costa. No segundo semestre de 2007, como meus dados tinham-se desatualizados por uma década e tendo em vista que eu me encontrava residindo no exterior, recorri à generosidade de Felipe M. Sugimoto e Állisson T. de Freitas para complementar os dados de alguns grupos religiosos japoneses. Registro aqui os meus agradecimentos a todos esses voluntários, bem como aos participantes das religiões, pela boa-vontade em responder as minhas perguntas.

3 Para mais informações sobre as religiões japonesas no Brasil, ver: Nakamaki (1985), Mori (1992), Pereira (2004, 2009), Pereira e Matsuoka (2007).

recente de um deles (Honen - Comunidade Budista)⁴, enquanto outro grupo (*Oomoto*) foi introduzido há pouco na região. Meu levantamento não incluiu igrejas cristãs, cujo trabalho evangelizador está voltado especificamente para a comunidade nipo-brasiliense, como é o caso da evangélica Igreja Aliança de Brasília, no Núcleo Bandeirante. Como veremos adiante, apesar da maioria dos nikkeis ter aderido ao Cristianismo, poucos são praticantes, enquanto a maior parte está mais propensa a uma religiosidade eclética. O presente capítulo, portanto, trata da religiosidade japonesa no Distrito Federal, com foco nos grupos vindos do Japão ou criados no Brasil por imigrantes japoneses ou seus descendentes.

Das quinze instituições na tabela abaixo, uma pertencente ao Xintoísmo tradicional e quatro ao Budismo tradicional. Das dez restantes, nove são tidas como *shinshūkyō* ("novas religiões") e uma se enquadra em categoria especial. Trata-se do Instituto de Moralogia, fundado em 1926 por Chikurō Hiroike (1866-1938). Tendo origem e base religiosas, a Moralogia não possui um objeto de adoração, enfocando antes o estudo "científico" e a prática da "Moral Suprema". Daí o uso, neste capítulo, da expressão "instituições ético-religiosas japonesas".

Veja tabela abaixo com informações de cada um dos grupos:

CLASSIFICAÇÃO	NOME DA INSTITUIÇÃO	INTRODUÇÃO NO BRASIL/ EM BRASÍLIA	NÚMERO APROXIMADO DE MEMBROS NO DISTRITO FEDERAL
XINTOÍSMO (Shintō)	Ishizuchi Jinja do Brasil (Ishizuchi Honkyō)	1956 / 1982	8
BUDISMO (Bukkyō)	Associação Religiosa Hokkeko do Brasil (Nichiren Shōshū)	1960 / 1962	40

4 A Comunidade Honen foi fundada em Brasília em meados de 1998, por Marcelo Geaquinto de Melo, ex-noviço do templo da *Honpa Honganji* (ou *Hongwanji*), que, ao se desligar deste templo, foi acompanhado por outros treze devotos. A Comunidade é reconstrução brasileira de uma tradição resultante de intenso e antigo sincretismo sino-japonês. Sua origem remonta às práticas religiosas chinesas na montanha *Wu-T'ai-Shan* (lit., "Montanha de Cinco Picos"), uma das quatro montanhas sagradas associadas com os "quatro grandes bodhisattvas" da China (*Manjusri*, *Samantabhadra*, *Avalokitesvara* e *Ksitigarbha*). Antes de receber acolhida no monastério japonês *Kyōto Shūdōin* (da seita *Jōdoshū*), em 1976, essa tradição ainda misturou elementos do Budismo primitivo com o Taoísmo e o Lamaísmo. A tradição religiosa de *Wu-T'ai-Shan* chegou ao Brasil por volta de 1946 com o monge Tonghua, missionário do Templo Fa Tuang-Tsu (Xangai). Essas informações foram obtidas na sede da Comunidade, em entrevista com Marcelo G. Melo (04-11-1998) e complementadas por uma apostila inédita cedida pelo entrevistado.

	Associação Religiosa Nambei Honganji Brasil Betsuin (Higashi Honganji)	1908 / 1957	344 (50)
	Comunidade Budista Sul-americana da Seita Jōdo Shinshū Hompa Hongwanji	1908 / 1957	400 (100)
	Comunidade Budista Sotozenshu (Sōtō Zenshū)	1955 / Década de 1980	80
NEO-XINTOÍSMO (Shinshūkyō-Shintōkei)	Sukyo Mahikari do Brasil (Sūkyō Mahikari)	1974 / 1975	500
	Oomoto Internacional (Oomoto)	1924 / 2004	1
NEO-BUDISMO (Shinshūkyō-Bukkyōkei)	BSGI- Associação Brasil Soka Gakkai Internacional (Sōka Gakkai)	1960 / 1962	3.023
	Religião Budista Honmon Butsuryūshu do Brasil (Honmon Butsuryūshū)	1908 / 1968	60
NOVAS RELIGIÕES – OUTROS (Shinshūkyō-shokyō)	IMMB- Igreja Messiânica Mundial do Brasil (Sekai Kyūseikyō/Izunome Kyōdan)	1955 / 1970	9.500 (2.500)
	Igreja Tenrikyo (Tenrikyō)	1914 / 1965	100
	PL- Instituição Religiosa Perfect Liberty (Perfect Liberty Kyōdan)	1957 / 1974	2.500 (350)
	MOA (Mokiti Okada Association) Panamericana do Brasil (MOA International, Sekai Kyūseikyō/Tōho no Hikari)	1984 / Década de 1980	70
	Seicho-no-ie do Brasil (Seichō-no-ie)	1932 / 1961	14.567 (3.000)
OUTROS (Sonota)	Instituto de Moralogia do Brasil (Morarogī Kenkyūjo)	1964 / 1982	37 (7)

Perfil e Números das Instituições Religiosas

As estatísticas religiosas costumam ser terreno sujeito a dúvidas e controvérsias. Por um lado, as instituições religiosas têm dificuldade para manter controle do número de seus membros, já que sempre há um fluxo constante de pessoas que se filiam e se desfiliam, de simpatizantes que nunca se comprometem no nível da conversão, de pessoas que são mais ativas, e de outras que mantêm a fé à distância, quando isto acontece. Por

outro lado, há grupos que incluem em suas estatísticas não somente os adeptos, mas também os visitantes e simpatizantes, como forma de propagandear e "demonstrar" a boa-aceitação de suas verdades ou, simplesmente, por acreditarem que estas pessoas já contêm a "semente do ensinamento", que irá germinar um dia. Portanto, para alguns grupos da tabela acima, há o número de adesões e, entre parênteses, uma aproximação dos membros mais ativos, de acordo com dados obtidos através de questionários e entrevistas com os membros e líderes dos referidos grupos.

A tabela também distingue as religiões japonesas em termos de orientação doutrinária (Xintoísmo, Budismo, Outros) e precedência temporal (grupos tradicionais e novos). De modo sucinto, as religiões tradicionais ou estabelecidas (*kisei shūkyō*) são aquelas que foram estabelecidas ou introduzidas no Japão antes do século XIX, como o Xintoísmo, Budismo e Cristianismo. Historicamente, embora os japoneses tenham apresentado uma prática religiosa bastante rica e plural, o predomínio xinto-budista tem sido uma constante no último milênio.

O Xintoísmo é uma religião complexa, que incorporou diferentes tradições religiosas ancestrais do Japão e as reelaborou sob influência estrangeira, particularmente do Budismo. O ensinamento do Buda foi oficialmente introduzido no país no século VI, mas levou alguns séculos até se tornar realmente popular. O sincretismo xinto-budista (*shinbutsu shūgō*) é um fenômeno recorrente e de destaque na história religiosa dos japoneses, que leva a população a não fazer muita distinção entre budas, bodhisattvas e divindades xintoístas (*kami*). Com isso, a maioria dos japoneses se declara simultaneamente budista e xintoísta.

No começo do século XIX, o Budismo fazia parte da máquina governamental como uma espécie de cartório, onde a população era obrigada a manter um registro familiar (*koseki*) dos nascimentos, casamentos, óbitos e outros. Enquanto o Budismo se tornara uma religião envolvida com a vida familiar, particularmente com rituais funerários, o Xintoísmo mantinha sua popularidade com os festivais populares (*matsuri*), divindades tutelares dos vilarejos (*ujigami*), talismãs e outros. Nessa mesma época começaram a surgir novos movimentos religiosos (*shinshūkyō undō*) que apelavam para a fé e a devoção individuais. Frequentemente, os fundadores dessas novas religiões eram tidos como divindades vivas (*ikigami*), que propunham uma nova visão de mundo, embora incorporassem elementos de uma ou mais religiões tradicionais. As novas religiões tendem a cultivar o fervor missionário, em contraste com as tradicionais que são

transmitidas de geração a geração, sem a necessidade de proselitismo.

Isto explica em parte a situação e a disparidade nas estatísticas das religiões japonesas no Brasil e, em particular, na região de Brasília. Como no Japão, o Xintoísmo e o Budismo tradicionais em Brasília não apresentaram, até o momento, o ímpeto proselitista. Assim, o Xintoísmo está representado pela iniciativa de uma única família (Tsuno), que construiu um pequeno santuário dedicado ao "Santo da Pedra" ou *Ishizuchi*.

O Budismo tradicional também tende a ficar circunscrito basicamente à comunidade nipo-brasiliense, embora haja exceções. Os dois ramos (*Hōmpa* e *Higashi*) da Verdadeira Seita da Terra Pura ou *Jōdo Shinshū* surgiram em Brasília com a vinda dos imigrantes japoneses e descendentes, ainda durante a construção da capital. A exemplo do que se passou em outros lugares, os centros budistas foram estabelecidos antes pela necessidade de se manter o culto aos antepassados e de um lugar para expressão ritual da identidade nikkei. Até os dias de hoje, as principais atividades de seus monges estão necessariamente relacionadas com rituais funerários como vigília do corpo presente, sétimo dia de falecimento, sétima semana, primeiro ano, segundo ano, quinto ano, e assim por diante. Porém, como será visto mais adiante, o ramo *Hōmpa* (ou *Nishi*) tem feito esforços de abertura para os brasileiros não-nikkeis, com relativo êxito.

A seita *Nichiren Shōshū* (Hokkeko), enquanto esteve associada à *Sōka Gakkai*, expandiu-se para além da comunidade nipo-brasiliense. Porém, desde que houve o rompimento entre elas em 1991, a *Nichiren Shōshū* procura recompor sua estrutura, com sucesso ainda bastante tímido. Prevalece entre as duas instituições religiosas um clima de "guerra fria", com temores recíprocos de espionagem e propaganda em terreno alheio.

O Zen reflete aqui várias de suas características no Brasil. Introduzido no país através da comunidade nikkei em 1955, a prática zen conseguiu despertar um considerável interesse nos meios intelectuais e estudantis nas décadas seguintes, a exemplo do que acontecera nos EUA e na Europa. Apesar de ser religião tradicional, foi introduzido na Capital Federal (e ainda mantém-se) à revelia da comunidade nikkei, como nova alternativa religiosa para os brasileiros e sem cumprir o papel convencional de provedor de ritos associados com o culto aos antepassados. O movimento em Brasília começou na década de 1980, por iniciativa de professores da Universidade de Brasília (Yves Chaloult, Carlos Pellegrino e Dirce Maria da Fonseca) e do monge e poeta José Palmeira Guimarães (1930-?). Em 1993, o monge Ryōtan

Tokuda ajudou a criar o Centro Zen do Planalto, que, no ano seguinte, recebeu uma gleba de terra destinada à prática de *sesshin* (retiros). Todos os praticantes que contatamos não descendem de japoneses. De fato, há cada vez mais brasileiros não-nikkeis sendo ordenados monges e assumindo a direção de mosteiros e dōjos no Brasil. Como no Zen o praticante se identifica com as orientações e práticas de um mestre, pode-se encontrar em Brasília grupos ligados a mestres distintos. Além do Centro Zen do Planalto e do Dōjo Cazazen, sob direção da monja Magda Gyoku En (Magda Simões da Silva), ambos ligados ao monge Tokuda, há pelo menos outros dois grupos independentes: um grupo ligado à Associação Zen Internacional (fundada pelo mestre Taizen Deshimaru, divulgador do Zen no Ocidente através da Europa, 1914-1982) e outro, associado ao monge Daiju (Cristiano Bitti), abade do Mosteiro Zen Morro da Vargem (ES). O resultado é que os endereços desses grupos têm sido transitórios e o número de membros, flutuante.

Apesar do relativo sucesso do Zen entre os brasileiros, os maiores grupos japoneses em Brasília e no Brasil são quase todos da categoria das novas religiões, que também contam com maior número de adeptos de brasileiros sem ascendência japonesa. A *Perfect Liberty* (PL), por exemplo, tendo recebido 2.500 adesões ao longo de seus 35 anos de história no Distrito Federal, conta com apenas três japoneses e dois descendentes.⁵ *Seichō-no-ie*, Igreja Messiânica e *Sōka Gakkai* são outras que mantêm grande dinamismo e militância fora da comunidade nipo-brasileira e, por isso mesmo, são as mais bem-sucedidas em termos numéricos, juntamente com a PL. A filial brasileira da *Seichō-no-ie*, por exemplo, está superando sua matriz japonesa em termos de afiliados, tendo-se espalhado por todas as regiões do Brasil. Seu sucesso é fruto de uma combinação de fatores, como ecletismo doutrinário, estratégias de abasileiramento, sintonia com as mudanças políticas e sociais do país, entre outros. A *Mahikari*, a MOA do Brasil e outros novos grupos começam a trilhar esse mesmo caminho. Possivelmente por motivos de organização ou de liderança, outras novas religiões, como a *Tenrikyō* e a *Honmon Butsuryūshū*, existem ao redor de algumas famílias nikkeis, enquanto a *Oomoto* não conseguiu nenhuma conversão ainda.

No Japão, as novas religiões se iniciaram em áreas rurais ou entre camadas urbanas mais pobres, tornando-se depois movimentos caracteristicamente de classe média

⁵ A *Perfect Liberty* foi uma das primeiras religiões japonesas a fazer divulgação massiva fora da colônia nikkei. Nos anos de 1970, seus líderes tomaram a firme decisão de "abrasileirá-la" (v. Nakamaki, 1986). Talvez seja esta a principal razão por possuir atualmente tão poucos membros descendentes de japoneses.

urbana. No Brasil, as religiões japonesas foram introduzidas, ao menos no pré-guerra, por imigrantes japoneses residentes no meio rural. Hoje, são antes de tudo movimentos de classe média urbana. Em Brasília, quase todos os grupos, mas particularmente os maiores, estão sediados nas áreas mais centrais da capital, o que mantém seu foco na classe média. Poucos estão fora do Plano Piloto: *Ishizuchi Jinja* (área rural), *Honmon Butsuryūshū* (Núcleo Bandeirante) e *Tenrikyō* (Taguatinga).⁶ Entretanto, na última década, os maiores grupos estão crescendo mais nas cidades satélites, sobretudo Taguatinga e Ceilândia. Isto quer dizer que elas estão se popularizando ao crescer junto às classes baixa e média-baixa.

Estratégias de Difusão e Adaptação

Como ocorreu em outras partes do Brasil, a maioria dos grupos chegou a Brasília através do imigrante japonês (*Jōdo Shinshū*, *Sōka Gakkai*, *Tenrikyō* e outros) ou de seus descendentes (por exemplo, a PL), vindos de outras partes do Brasil ou mesmo diretamente do Japão. A exceção já citada foi o Zen, introduzido por praticantes sem ascendência nipônica. Muitos grupos foram estabelecidos ainda durante a construção ou pouco depois da inauguração de Brasília, como é o caso da *Jōdo Shinshū* (1957), da *Seichō-no-ie* (1961) e da *Sōka Gakkai* (1962). Somente uma, a *Oomoto*, parece ter enviado um missionário especificamente para a difusão de seus ensinamentos. Uma vez em Brasília, cada grupo religioso fez suas opções de estratégia de acomodação social ou, em certos casos, de inserção e crescimento na sociedade brasileira.

O *Ishizuchi Jinja* se mantém como uma tradição familiar, que ocasionalmente envolve o círculo de amizade. Esta devoção aqui segue o padrão típico do Xintoísmo, que, sendo uma religião étnica, volta-se basicamente para os imigrantes japoneses e seus descendentes. Sua dinâmica se assemelha à das associações religiosas *kō* ou *kōsha*, em que alguns devotos se reúnem em data pré-estabelecida para cultuar alguma divindade xintoísta (*kami*) ou budista (*bodhisattvas* e budas), e que, normalmente, viaja uma vez por ano ao santuário dedicado à divindade. No caso do *Ishizuchi Jinja*, costuma-se organizar uma peregrinação a uma montanha na Serra do Mar, entre Mogi das Cruzes e Suzano (SP), onde o "patriarca" da família construiu um santuário. O mais interessante é que,

⁶ Ademais dos vários grupos Zen ativos no Plano Piloto, o Centro Zen do Planalto foi estabelecido em meados da década de 1990, em uma fazenda do Distrito Federal, onde ocorria a prática de *sesshin* (retiros). Este Centro foi desativado, mas, em lugar vizinho, Tania Quaresma e Walter Widemann mantêm um espaço chamado "Caminho do Meio", onde realizam um retiro mensal.

entre os participantes dessas peregrinações, incluem-se pessoas que praticam religiões tão distintas quanto *Jôdo Shinshû*, *Seichô-no-ie*, Catolicismo e outras. Eventualmente, algumas pessoas procuram a família Tsuno com o objetivo de receber uma graça desejada, comparecendo a uma pequena "missa" que se realiza no dia 21 de cada mês ou pedindo ajuda através de orações.

Do lado budista, a *Honpa Honganji*, que fora introduzida pelos imigrantes e nikkeis, chegou a um impasse nos anos de 1970: como garantir auto-suficiência financeira para sustentar a presença de um monge no templo e, ao mesmo tempo, expandir a missão? A solução foi a abertura para a comunidade brasileira como um todo, iniciada pelo monge Murillo Nunes de Azevedo, que fora responsável pelo templo da *Honganji* entre 1982 e 89. Seus sucessores mantiveram essa linha, inclusive inovando com a prática heterodoxa da meditação como forma de atrair os não-descendentes (ver Matsue, 1998: 47, 109). Paralelamente, uma quermesse para celebrar o *obon* (evento anual budista para reverenciar os antepassados) começou a ser organizada, tornando-se uma celebração coletiva da niponicidade e grande fonte de renda, que arregimenta o trabalho voluntário da comunidade nipo-brasileira, acima das diferenças religiosas.⁷ Atualmente, o templo também oferece cursos de língua e caligrafia japonesas, artes marciais, taichi-chuan e ioga.

No Ocidente em geral, o Budismo tende a atrair pessoas intelectualizadas ou que estão em busca de uma religiosidade alternativa. Talvez ninguém melhor que o monge Ryôtan Tokuda tenha sabido responder a esta demanda. Tokuda chegou ao Brasil em 1968 e, nos quatro primeiros anos, ficou afiliado ao templo-sede da *Sôto Zenshû* em São Paulo, templo *Busshinji*. Sua visão e atividades conduziram-no, por um lado, a desentendimentos com a direção da seita e, por outro, a uma intensa propagação da prática zen, tendo estabelecido diversos centros e dōjos no Brasil e no exterior. Em 1984, fundou a Soto Zen do Brasil, uma sociedade civil sem fins lucrativos. Por essa época, começou a ir a Brasília a convite, para ministrar palestras, cursos e retiros (*sesshin*). Embora haja grupos ligados a outros "mestres" do Zen na Capital Federal, Tokuda tem atraído mais pessoas, por sua personalidade e dinamismo, assim como suas idéias e práticas alternativas, que incluem *shiatsu*, acupuntura

⁷ Apesar de que a quermesse budista tenha sua origem nos *matsuri* (festivais populares) japoneses, sua grande aceitação em Brasília pode estar relacionada, em parte, com as festividades populares e católicas brasileiras, como as Festas Juninas.

e uso de ervas medicinais.⁸ Não por mera coincidência, um dos grupos ligados a Tokuda, o *Dôjo Cazazen* (localizado na 712 Sul), por exemplo, oferece, além das sessões de meditação (*zazen*), oficinas de medicina tradicional chinesa, Zen e a Arte do Conto, culinária zen e outros. Esta orientação vai ao encontro das pesquisas sobre o Zen no Brasil, que indicam que, ademais de nova opção de espiritualidade, ele também tem sido abraçado como técnica terapêutica de melhoramento da qualidade de vida, particularmente como meio de lidar com o estresse e os problemas psicossomáticos (cf. Rocha, 2006).

Novas religiões como PL, *Sôka Gakkai* (BSGI), *Seichô-no-ie*, Messiânica e *Mahikari* costumam manter reuniões semanais de pequenos grupos, que combinam aconselhamento, troca de experiências, testemunhos de fé, estudo da doutrina e lazer. Também é marcante a ênfase na força do pensamento positivo e na autoconfiança; e a promessa de milagres e curas com base na fé e/ou nível de dedicação às diretivas do grupo. A maioria almeja transformar-se em "ultra-religião", que abarcaria religião, ciência e, em certos casos, práticas terapêuticas, com atividades culturais, artísticas, educacionais, filantrópicas e outras.

Por exemplo, a *Seichô-no-ie* se auto-denomina "Movimento para a Iluminação da Humanidade" e sustenta, além das várias cerimônias (de purificação, para os antepassados, etc.), uma série de palestras que atrai um grande contingente de pessoas de todas as orientações religiosas, provavelmente por misturar espiritualidade com psicologia, neurolingüística, dinâmica de grupo e uma espécie de "ritualização" do otimismo e gratidão. A Igreja Messiânica (IMMB), a MOA do Brasil e a *Mahikari* possuem um substrato comum que é a ênfase na tríade da prática da transmissão da luz divina pela palma da mão (*jôrei* na IMMB e MOA; *okiyome* ou *mahikari-no-waza* na *Mahikari*), agricultura natural e desenvolvimento artístico (particularmente pela *ikebana* ou arranjo floral). A MOA do Brasil, embora legalmente registrada como sociedade religiosa, tem se identificado como "arte médica do Japão" e suas clínicas oferecem um tratamento holístico, com terapia espiritual usando arte e energização através do *jôrei*, programa de alimentação natural, fisioterapia para recuperar as capacidades físicas, entre outros (Gonçalves, 2003: 109-16). Como organização não-governamental voltada para a paz, educação, cultura e meio-ambiente, a BSGI tem promovido exposições,

⁸ Cristina Rocha (2006: 47) indica outra característica de Tokuda, que é sua capacidade de traçar paralelos entre o Zen e o Catolicismo, particularmente entre a experiência de iluminação (*satori*) do Zen e a experiência de união com Deus, vivida por místicos cristãos. Tal interpretação facilitaria e serviria como ponte para o ingresso de vários cristãos na prática zen.

festivais culturais e cursos de alfabetização para adultos no Distrito Federal.

Não raras vezes, há certa tensão entre o trabalho voltado para a colônia nikkei e a comunidade brasileira como um todo. A resposta da *Seichô-no-ie*, por exemplo, foi a criação de “congregações paralelas” com uma organização específica para os falantes de japonês e os de português. A *Hompa Honganji*, como visto acima, também exemplifica os casos de abertura para os não-nikkeis. Quando começou a surgir uma “*sangha* (grupo budista) ocidental” ao redor do monge Murillo Azevedo e este assumiu o cargo de direção do templo, houve uma certa crise na *sangha* nipo-brasiliense, acostumada a usar o templo para ritos para os mortos e prédicas em idioma japonês. Como bem expressou o pioneiro e ex-presidente da Associação Budista (*Bukkyô-kai*) do templo, Kioto Kahy:

O monge Murillo era bom, mas a gente demorou a acostumar, era estranho, pois parecia um bicho diferente no ninho. Mas com o tempo todo mundo já considerava ele com muito respeito (*apud* Matsue, 1998: 101).

Os dois sucessores seguintes do monge Murillo, sendo japoneses, encorajaram os adeptos não-nikkeis a se tornarem noviços (*homushi-ho*). Por um tempo, o noviço Marcelo Geaquinto de Melo ajudou a equilibrar o atendimento aos nikkeis e aos não-nikkeis. O monge atual, Ademar K. Sato, sendo nikkei e fluente nas duas culturas, tem buscado unificar a *sangha*, apesar das diferenças existentes em termos de expectativas e compreensão da prática budista. Enquanto o não-nikkei procura o templo como alternativa de prática religiosa individual, o nikkei mantém sua prática budista tanto como herança familiar quanto uma expressão de sua identidade em associação com atividades comunitário-religiosas e recreativas (v. Matsue, 1998: 45, 46, 188).

Embora os adeptos não-nikkeis formem a base dos maiores grupos religiosos, ainda ocupam os cargos inferiores e médios de liderança, enquanto o alto escalão é, via de regra, ocupado por japoneses e/ou seus descendentes. Mesmo em casos como a PL e a Igreja Messiânica do Distrito Federal, nas quais os dirigentes são brasileiros não-nikkeis, eles mantêm a regra, uma vez que as respectivas cúpulas diretivas em São Paulo são compostas basicamente por japoneses e descendentes. Algumas pessoas vêm nessa tendência de manter lideranças japonesas uma forma de discriminação e controle por parte das matrizes japonesas. Outras admitem ser um processo natural, podendo haver maior abertura e independência na medida em que os grupos crescem no Brasil.

No geral, tantos os japoneses quanto as religiões japonesas procuraram deliberadamente se acomodar à tradição religiosa brasileira. A religião católica tem sido vista na comunidade nipo-brasileira como equivalente ao Xintoísmo e Budismo no Japão. Ou seja, é a principal provedora de ritos de passagem, à qual se pode afiliar sem o compromisso de seguir à risca ou compreender seus dogmas. Com isso, é muito freqüente um nikkei ser batizado no Catolicismo, mas praticar outra religião (*Seichô-no-ie*, Xintoísmo, Espiritismo, etc.) e, ao morrer, receber tanto funeral budista quanto missa de sétimo dia na Igreja Católica. Como me afirmou um agricultor *nisei* em entrevista de 23-1-2008: “Sou batizado católico e sou xintoísta e budista. Sigo todos. (...) Quando tem culto para antepassado, a gente vai naquele templo da 315/316 Sul [da *Hompa Honganji*]. Às vezes, a gente também vai na *Seichô-no-ie*”.

Outro aspecto que expressa a acomodação das religiões japonesas é o uso de termos, expressões, imagens, orações e passagens bíblicas do Cristianismo. Por exemplo, na *Honmon Butsuryûshû*, os monges são chamados de “padre”, “bispo” ou “arcebispo”, dependendo do grau na hierarquia eclesial; os encontros de oração na *Ishizuchi Jinja* são “missas”; em “cultos” da Igreja Messiânica se reza a oração cristã “Pai Nosso”; nos escritos da *Seichô-no-ie*, encontram-se várias discussões de passagens bíblicas; na igreja da PL há foto de seu Patriarca cumprimentando o Papa; e assim por diante. Há também caso de família nikkei budista que condiciona imagem de santo católico no *butsudan*, altar budista dedicado aos antepassados.

Como é amplamente conhecido, os imigrantes japoneses e descendentes vieram inicialmente para Brasília para construir seu cinturão verde, a pedido do Presidente Juscelino Kubitschek. Por ser sede do governo, Brasília tem oferecido aos nikkeis muitas oportunidades de acesso e interação com o poder. Algumas religiões também usufruíram dessa característica da Capital Federal. Membros da *Hompa Honganji*, por exemplo, negociaram diretamente com Juscelino, Lúcio Costa e a direção da Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil (NOVACAP) para a obtenção do terreno e construção de seu templo. No final dos anos 80, a *Mahikari* também recebeu do ex-governador José Aparecido de Oliveira terreno na Asa Norte para a construção de um centro cultural (*Yôkô Civilization Center*).⁹ Durante as primeiras gestões do ex-governador Joaquim Roriz, a MOA do

⁹ Embora esse centro cultural tivesse sido projetado por um dos mais renomados arquitetos japoneses, Kenzô Tange (1913-2005), acabou não sendo construído em função da oposição dos moradores da vizinhança.

Brasil custeou a reforma do Teatro Galpão, localizado na quadra 508 Sul, e, em contrapartida, recebeu do governo o terreno para a construção de sua sede própria (no Setor Sudoeste) e setenta alqueires de terra para instalar seu Centro de Produção de Agricultura Natural (CEPROAN), em Brazlândia (DF).

A BSGI talvez tenha sido a organização que mais obteve êxito ao interagir com a meio político brasileiro. Em 1975, ela organizou um Festival Cultural Esportivo em comemoração aos quinze anos da cidade de Brasília, no Ginásio de Esportes Presidente Médici. Em 1984, o presidente da Soka Gakkai Internacional (SGI), Daisaku Ikeda se encontrou com o então Presidente da República João Baptista de O. Figueiredo e vários de seus ministros. Em maio de 1989, o primeiro presidente da BSGI, Roberto Saito, foi recebido pelo Presidente da República José Sarney. Em 1994, uma comitiva da SGI se encontrou com o Presidente Itamar Franco. Em 1995, o segundo presidente da BSGI, Eduardo Taguchi, foi recebido pelo Presidente da República Fernando Henrique Cardoso. Meses depois, o ministro da Educação e do Desporto, Murílio Hingel, e o assessor especial da presidência, Luiz Panelli, visitaram a BSGI. O ex-governador do Distrito Federal, Cristovam Buarque, não somente tem visitado o Centro Cultural de Brasília da BSGI, como também esteve na sede da SGI, em Tóquio, a convite da organização. A BSGI também tem promovido diversos eventos em espaços públicos, como as exposições "Direitos Humanos – Direitos de Todos" (Ministério da Justiça) e "Convivência e Esperança: Exposição sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento - a Amazônia" (Salão Negro do Congresso Nacional), e o lançamento do livro "Educação para uma Vida Criativa", de autoria do fundador da *Sôka Gakkai*, Tsunesaburô Makiguchi, no Espaço Cultural do Ministério da Educação. Em 1990, o presidente Ikeda recebeu a comenda da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul. Em 1998, a Câmara Distrital de Brasília concedeu o título de Cidadãos Honorários ao casal Ikeda. No ano seguinte, a Câmara dos Deputados fez sessão solene comemorativa do Dia da Fundação da Soka Gakkai.

Comentários Finais

Este capítulo priorizou as instituições ético-religiosas nipônicas no Distrito Federal. Porém, a religiosidade dos japoneses e brasileiros que seguem essas instituições é muito mais complexa, cheia de inconsistências e heterodoxias, e rica de nuances. O antropólogo Selmo Norte deu um testemunho vibrante dessa realidade em sua dissertação de mestrado:

Cheguei à Vargem Bonita com a expectativa de poder facilmente identificar os membros da comunidade que se apresentariam como budistas, xintoístas, cristãos, pertencentes às chamadas novas religiões japonesas etc. Pura decepção. Ao mesmo tempo que ninguém se identificava rigorosamente, todos demonstravam observar uma série de atos essencialmente religiosos. Quando perguntados sobre suas crenças, tentativas mal disfarçadas de se mudar de assunto eram esboçadas. Instigados diretamente a falar sobre suas religiões, surpresa, mais uma vez: um misto de concepções diversas, budismo, xintoísmo e catolicismo, parecia se sobrepor às convicções individuais, tornando difícil se dizer com clareza a orientação seguida por cada família ou indivíduo (Norte, 1994: 82).

Registrei ao menos quatro situações em que as famílias se disseram católicas, mas ao serem visitadas deram-me verdadeiras aulas sobre a função do *butsudan* [altar budista] presente em suas residências, o papel dos ancestrais e os cuidados com os parentes mortos. [...] ... a objetividade nativa que eu buscava não existia a não ser nos esquemas conceituais previamente elaborados com o propósito de abarcar o universo empírico (*idem, ibidem*: 83)

A citação confirma não somente que a religiosidade extrapola as instituições, como também que há entre os nikkeis uma visão que privilegia a complementariedade e o inclusivismo das religiões. Na verdade, esta visão casa muito bem com a tradição religiosa brasileira, que tem favorecido o trânsito religioso e as interpenetrações de práticas e crenças. O depoimento expressa ainda a relutância dos nipo-brasilienses em falar sobre afiliação religiosa. Se isto reflete a consciência do potencial divisivo do tema, também faz lembrar que o pesquisador, pressionado pela "neutralidade científica", tem limitações para discutir livremente suas crenças e experiências "paranormais".

As pesquisas de campo têm indicado, por um lado, que a religiosidade japonesa é diversificada no Distrito Federal em termos de doutrina e organização; por outro, que a motivação de seus praticantes diverge enormemente. Para muitos japoneses e descendentes, trata-se de um nicho seguro e legítimo de reprodução e resgate da tradição japonesa. Para outros, sejam descendentes ou não, as religiões japonesas oferecem complementariedade ou alternativa à prática religiosa tradicional brasileira.

De sua parte, as instituições religiosas recorrem a vários expedientes no processo de legitimação e acomodação no seio da sociedade "candanga". Algumas atuam basicamente no âmbito das organizações nikkeis, com

palestras ou outros eventos em espaços como a Casa do Estudante Nipo-Brasileiro de Brasília e as associações de províncias japonesas (*kenjinkai*). Outras existem totalmente à parte da comunidade nikkei. O certo é que a maioria busca criar “pontes” ou pontos de conexão com a sociedade mais ampla, por meio de programas culturais e educacionais, festividades (como a quermesse do Templo da *Hompa Honganji*), atividades filantrópicas e outras. Apesar de seus esforços e intenções, vários grupos ainda não conseguiram transmitir seus ensinamentos aos brasileiros não-nikkeis, mesmo que possuam índole universalista.

No geral, as religiões japonesas têm mantido pouco diálogo entre si e com outras religiões. A *Oomoto* foi uma das pioneiras a interagir com outras religiões no Brasil no período pré-guerra, visto ter buscado aproximação com o Kardecismo. Outra exceção é a Federação das Seitas Budistas no Brasil (*Burajiru Bukkyô Rengôkai*), fundada em 1958 e que reúne atualmente seis grupos budistas japoneses: *Nishi Honganji*, *Higashi Honganji*, *Jôdoshû*, *Sôtô Zenshû*, *Shingon* e *Nichirenshû*.

Em Brasília, o Zen talvez tenha saído na frente. Em 1991 o mestre Tokuda realizou um retiro no templo da seita *Hompa Honganji*. Posteriormente, a monja Magda foi convidada pelos jesuítas para um trabalho inter-religioso e começou a praticar *zazen* no Centro Cultural de Brasília, pertencente a essa ordem católica. Porém, a grande oportunidade das religiões japonesas participarem do diálogo inter-religioso e ecumênico veio com o convite, em 2005, para se juntarem às atividades promovidas pela organização internacional URI ou *United Religions Initiative* (Iniciativa das Religiões Unidas). Na esteira dessa iniciativa, algumas religiões japonesas participaram do I Fórum Espiritual Mundial, em Brasília (dezembro de 2006) e do II Fórum em Fortaleza (outubro de 2007). *Hompa Honganji*, Igreja Messiânica, PL, *Seichô-no-ie*, *Mahikari*, BSGI e *Oomoto* vêm participando dessas atividades, juntamente com organizações cristãs, espíritas, esotéricas e outras. Com isso, elas aumentam sua visibilidade pública e a possibilidade de crescimento. Esta possibilidade é ainda maior quando se associam à chamada “cultura alternativa”, que é bastante popular no Distrito Federal.

Bibliografia

- GONÇALVES, Hiranclair R. (2003) *O Fascínio do Jôhrei: um Estudo sobre a Religião Messiânica no Brasil*. Tese de doutorado em Ciências Sociais. Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.
- LESSER, Jeffrey, Ed. (2003) *Searching for Home Abroad: Japanese Brazilians and Transnationalism*. Durham: Duke University.

- LUZ, Dioclécio. (1986) *Roteiro Místico de Brasília*. Brasília: Editora da Codeplan. (Vol. II, 1989, Brasília: Cultura Gráfica e Editora)
- MATSUE, Regina Yoshie. (1998) *O Paraíso de Amida: três escolas budistas em Brasília*. Dissertação de mestrado em Antropologia. Universidade de Brasília.
- MORI, Koichi. (1992) Vida religiosa dos japoneses e seus descendentes residentes no Brasil e religiões de origem japonesa. In: COMISSÃO de Elaboração da História dos 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil (Ed.) *Uma Epopéia Moderna: 80 anos da imigração japonesa no Brasil*. São Paulo: Hucitec/Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, p. 559-601.
- NAKAMAKI, Hirochika, Ed. (1985) *Brasil no Nikkei Shinshûkyô (As Novas religiões Japonesas no Brasil)*. Anuário IX. São Paulo: Centro de Estudos Nipo-Brasileiros.
- _____. (1986) Religiões japonesas no Brasil: estratégias multinacionais. *Comunicações do ISER, Ano 5*, n. 18, p. 16-23.
- NEVES, Juliana Leonardi. (1997) *As Flores de Amitâbha: imaginário e tradição na comunidade budista Honpa Hongwanji de Brasília (1974-1997)*. Monografia de graduação. Brasília, CEUB (Centro de Ensino Unificado de Brasília), Departamento de História.
- NORTE, Selmo José Queiroz. (1994) *A Vida que a Morte Cria: uma interpretação antropológica da percepção japonesa do fenômeno morte*. Dissertação de mestrado em Antropologia, Universidade de Brasília.
- PEREIRA, Ronan A. (2001) *O Budismo Leigo da Sôka Gakkai no Brasil: da Revolução Humana à utopia mundial*. Tese de doutorado em Ciências Sociais, Universidade de Campinas.
- _____. (2004) Religiões japonesas: sincretismo e tolerância. /As novas religiões. /Religiões japonesas no Brasil. In: Editora JBC (Ed.), *Guia da Cultura Japonesa*. São Paulo: Editora JBC, p. 510-514. Disponível em: <http://www.fjsp.org.br/guia/cap19.htm>. Acesso em: 06 Fev 2008.
- _____, Ed. (2009) *Religiões Japonesas: Cem anos de história no Brasil*. São Paulo: Annablume. No prelo.
- PEREIRA, Ronan A.; MATSUOKA, Hideaki, Eds. (2007) *Japanese Religions in and Beyond Japanese Diaspora*. Berkeley: University of California/Institute of East Asian Studies.
- ROCHA, Cristina M. (2006) *Zen in Brazil: The quest for cosmopolitan modernity*. Honolulu: University of Hawaii Press.
- SIQUEIRA, Deis; LIMA, Ricardo Barbosa de, Orgs. (2003) *Sociologia das Adesões. Novas religiosidades e a busca místico-esotérica na capital do Brasil*. Rio de Janeiro/Goiania: Garamond/Vieira.